

XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-ALAS Brasil  
UFPI – Universidade Federal de Piauí  
Teresina-PI  
04 a 07 de setembro de 2012

Grupo de Trabalho: *Movimentos sociais e questão urbana: perspectivas e desafios.*

Título do Trabalho: ***A Caravana do Cordel e a construção de um Nordeste em movimento na cidade de São Paulo***

Francisca Batista Barbosa – *fran.fbb@ig.com.br*  
Mestrado pela Universidade Federal de São Carlos

Orientador: Jorge Leite Júnior (UFSCar)

Co-orientador: José Lindomar Coelho Albuquerque (Unifesp)

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma reflexão etnográfica acerca das formas como são mobilizadas as narrações, as ações e as representações sobre o Nordeste em São Paulo, por movimentos de migrantes nordestinos, mais especificamente a *Caravana do Cordel*. Investigo as ressignificações que são construídas por indivíduos que mantêm uma forte relação mnemônica com o Nordeste e com as experiências vividas nesse espaço geográfico e simbólico. Parto do pressuposto que embora esses poetas, cantadores, artistas plásticos etc cristalizem uma certa imagem do Nordeste em que nasceram, criam um Nordeste em movimento desterritorializado de seu espaço característico e reterritorializado na fronteira Nordeste/Sudeste, por meio de construções discursivas e simbólicas. Essas questões ainda estão sendo delineadas e devem aparecer de uma forma acabada na minha dissertação de mestrado.

Palavras-chave: Caravana do Cordel, Nordeste, São Paulo, Ressignificação.

## **Caminhos e escolhas no decurso da pesquisa**

Uma análise do Nordeste em São Paulo a partir de um grupo que trabalha com a Literatura de Cordel tem implicado para algumas pessoas na idéia de que eu teria necessariamente que analisar esse tipo de literatura ou a produção literária desses poetas, porém a minha análise será centrada nos discursos utilizados e produzidos pelo grupo/membros nos eventos organizados sob o signo *Caravana do Cordel*. Analisarei as produções discursivas desses poetas e suas performances nos eventos, o que implica em discutir também acerca das declamações de cordéis de autoria dos poetas ou de poetas renomadas que são feitas dentro da *Caravana do Cordel*, porém de maneira indireta. Assim, a literatura de cordel será abordada a partir de sua apresentação e mobilização nos eventos e não da produção individual dos poetas pertencentes ao grupo, nem da análise “física” dos folhetos.

Acredito na importância dessa justificativa porque já fui abordada em algumas apresentações do meu projeto sobre a ausência dos cordéis na bibliografia e de um “objetivo” que indicasse a análise da literatura de cordel, já que o próprio grupo se intitula *Caravana do Cordel*.

Outras questões e sugestões têm surgido, como a indicação para uma análise da *Caravana do Cordel* do ponto de vista étnico, porém após várias discussões, optei por não fazer essa abordagem, já que não tenho percebido no grupo uma preponderância dessa questão, embora ela seja mobilizada em alguns momentos políticos e culturais da *Caravana*.

Problematizações que trazem consigo toda uma relação com os processos de identificação serão abordadas do ponto de vista local e circunscrito. A migração interna, como a migração nordestina para São Paulo, e mais especificamente a experiência migratória vivenciada pelos membros da *Caravana do Cordel* aparecem como uma questão central dentro da pesquisa, devido ao movimento de *desterritorialização* dos poetas migrantes do espaço social geográfico do Nordeste e sua *reterritorialização* no espaço social e geográfico de São Paulo. Esses conceitos discutidos por Homi Babba (1998) possibilitam uma ampla e aprofundada discussão acerca dos sonhos e planos, da saudade e da dor, da

realidade vivida por esses poetas em sua partida (de sua cidade natal) e chegada em São Paulo.

Embora as categorias teóricas utilizadas para essa análise tenham origem e utilização em um âmbito e contextos diversos do contexto abordado em minha pesquisa, acredito que eles enriquecerão o trabalho e possibilitarão a abertura de um leque vasto de possibilidades de discussão. Nesse sentido, o conceito de *díáspora* também será utilizado “sob rasura”<sup>1</sup>. A princípio, ele parece oferecer uma problematização mais ampla acerca da experiência mental, social e cultural vivida por esses poetas da *Caravana*. Embora ele não seja utilizado em seu sentido literal, ou em sua situação histórica de surgimento, esse conceito fornece a liga para a discussão acerca de uma realidade que abriga uma tensão ou “equilíbrio” entre duas ou mais realidades detentoras de elementos culturais diferentes.

Até aqui, nenhuma novidade em relação ao contexto de surgimento do conceito, porém abordarei esse conceito do ponto de vista interno a um país, ao Brasil, e não em um contexto transnacional. Parto do pressuposto que a região social e geográfica do Nordeste construiu uma teia cultural diversa da que se apresenta na região sudeste do país, mais especificamente em São Paulo, estado e cidade que abrigam uma infinidade de “culturas” nacionais e transnacionais que convivem entre si de maneira tensa e harmônica ao mesmo tempo, como se estivessem ou tentassem se sentir em seu próprio país ou cidade de origem. Basta observarmos os espaços culturais criados que recebem o signo de seus países de origem ou regiões geográficas nacionais, tais como *Comunidade Japonesa*, *Comunidade Libanesa*, *Comunidade Italiana*, *Comunidade Judaica*, *Centro de Tradições Nordestinas*, *Casas do Norte*, *Casas Bahia*, *Armazém do Paraíba* etc.

Além dessas questões teóricas que fundamentarão minha pesquisa, os processos de identificação vividos por esse grupo de migrantes, em relação ao Nordeste, trilharão toda a discussão, haja vista que a construção identitária,

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Stuart Hall para falar e usar conceitos que não dão conta da realidade atual, porém na falta de outro que possa dar conta da teorização que o conceito traz é usado, mas “sob rasura”, sendo posto em suspenso, levando em consideração que ele não é usado em seu sentido pleno e muito menos em sua significação primária.

social, política e cultural do Nordeste em São Paulo, pela *Caravana do Cordel*, é a questão que norteia toda essa pesquisa.

Assim, pensar as identidades para além dos territórios visivelmente construídos se torna central em minha análise. As noções de *desterritorialização* e *reterritorialização*, pensadas por Homi Bhabha, estão aparecendo também como fio condutor da minha ação no campo. Tenho percebido que a forma como acontece a construção do Nordeste em São Paulo tem muito a ver com a construção de territórios, reconfigurações variadas de diferentes processos migratórios dentro de São Paulo (casas do Norte, bairros, CTN) e reterritorialização de nordestinos.

Os poetas da *Caravana do Cordel* constroem espaços sociais significativamente carregados que remetem ao espaço social e geográfico do Nordeste. E é a partir dessa observação que me questiono: *como fazer a disjunção entre território e formas de identidade? Como fazer a discussão sobre a idéia de que SP é a maior cidade nordestina? Como a migração cria o Nordeste em SP? Como foi mobilizado por diferentes forças o Nordeste em São Paulo? Qual o lugar dessa nova ou velha migração de nordestinos em SP?*

### **Caravana do Cordel: uma construção de um Nordeste em São Paulo**

No que concerne a essa pesquisa de mestrado, trata-se de uma idéia surgida a partir do meu campo de pesquisa da Iniciação Científica no 3º ano da graduação, em 2009, que era os espaços de encontro da *Caravana do Cordel*. Na ocasião eu analisava as *imagens construídas sobre Lampião na literatura de cordel contemporânea*. Três dos poetas que tratavam de Lampião e eram analisados em minha pesquisa pertenciam a esse grupo da *Caravana do Cordel*: Moreira de Acopiara, Varnecki Nascimento e Costa Senna. Nesse contexto também foi gestada a minha monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais, pela Universidade Federal de São Paulo, em 2010, intitulada *Lampião no imaginário fronteiro da Literatura de Cordel contemporânea*.

Os encontros entre os cordelistas funcionam como marcadores de memórias e saberes específicos. As pessoas recordam o seu tempo de infância, momentos

em que seus pais cantavam ou declamavam clássicos, como **O pavão misterioso**, de José Camelo de Melo e Resende. Tanto Costa Senna, quanto Moreira de Acopiara e Varnecki Nascimento citaram a lembrança que acontece nos eventos que eles participam, funcionando como volta ao passado, ao vivido.

A *Caravana do Cordel* caracteriza-se como um novo espaço de vivência de um Nordeste em movimento. Questão essa, que se caracteriza como central na minha pesquisa e será amplamente discutida a partir dos organizadores e fundadores da *Caravana do Cordel*. Esses poetas radicados em São Paulo *(re)territorializam*, nesses encontros, o Nordeste imaginado, sonhado e vivido no passado. Neste novo lugar de encontro reúnem-se os sujeitos que mantêm uma relação saudosista. Essa relação presente nos discursos da *Caravana* permite a percepção de outros Nordesteiros que vem sendo investigados nas mobilizações feitas pelos poetas. Esses poetas recolhem tanto *elementos do seu passado*, como *elementos do novo ambiente*. Mas o que predomina nesses espaços de encontro da *Caravana*, voltados para a valorização da literatura de cordel, é o fortalecimento de elementos tidos como tradicionais que marcam o novo território, por meio da poesia e dos ‘causos’ nordestinos – a rapadura, a bolacha d’água, o repente, o aboio, o cordel, a tripa de porco etc.

Esse grupo de poetas nordestinos parece atuar a partir de um objetivo que se configura como um tripé fundamental para a sua existência: mobilizar o maior número de poetas, educadores e pesquisadores para a valorização do cordel; chamar a atenção da mídia para a divulgação do cordel e sua possível “massificação”; lutar para que o cordel alcance um espaço até então reservado apenas para uma literatura dita “erudita”, uma cultura alta.

Esse *movimento* (como os poetas costumam de auto-intitular) da *Caravana do Cordel* é um grupo formado por poetas, repentistas, escritores, músicos, professores etc. O seu núcleo fundador era formado por sete poetas: Marco Haurélio, Varnecki Nascimento, Nando Poeta, Costa Senna, João Gomes de Sá, Pedro Monteiro e Cacá Lopes. Hoje, o núcleo organizador do grupo se expandiu, além de Marco Haurélio e Costa Senna terem deixado o grupo (o primeiro disse tratar-se de um afastamento temporário, já o outro afirmou ser

um afastamento definitivo). Essas questões serão tratadas com mais afinco na dissertação, haja vista a transformação que vem sofrendo a *Caravana do Cordel* e a sua ramificação com o surgimento de novos grupos de valorização da cultura regional e nacional, como é o caso do *Instituto Cultural Leandro Comes de Barros* e a *Bodega do Brasil*, segmentos criados por poetas integrantes ou saídos da *Caravana do Cordel*.

Outros poetas atuam de forma direta e organizacional, nessa nova configuração do grupo, Moreira de Acopiara, Benedita Delazzari, Jackson Ricarte, Luiz Wilson, Sebastião Marinho, Aldy Carvalho, Cleusa Santo, dentre outros.

A *Caravana do Cordel* é um movimento criado em novembro de 2008 com o intuito de valorizar, tornar conhecida e celebrar a Literatura de Cordel – *manter viva a poética nordestina do cordel*. Esse grupo tem percorrido a grande São Paulo promovendo palestras, seminários, conferências, oficinas e saraus, divulgando o cordel brasileiro. E não se limita ao espaço paulista, pois avança para outros estados do país.

Alguns poetas como Costa Senna e Moreira de Acopiara acreditam que a *Caravana do Cordel* surgiu efetivamente em julho de 2009 e relacionam o surgimento do grupo com as reuniões mensais no Espaço Cineclubista, na Rua Augusta. Todavia, Marco Haurélio e João Gomes de Sá afirmam que algumas atividades já vinham sendo realizadas por um grupo sob o signo *Caravana do Cordel*. Isso está presente no blog de João Gomes de Sá no qual o autor cita, em 09 de fevereiro de 2009, a existência desse grupo (data anterior a julho de 2009).

O evento – o lançamento do livro do nosso amigo Wladimir Cazé foi exemplar! Além da simpática, atenciosa e gentil presença do Wlado Cazé com seu livro aqui em SAMPA, estava presente “A Caravana do Cordel”. Mas desta vez, não posso deixar de registrar também o sorriso e a simpatia do nosso mais assíduo “Fotólogo” e batizado por mim como “RP da Caravana do Cordel” (relações públicas) – nosso querido Pedro Monteiro. Nós, todos da Caravana do Cordel, somos gratos pela sua gentileza. (jgsacordel@ig.com.br) Um abraço Pedro RP (Disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/jgsacordel.27>)

No segundo ano do surgimento da Caravana do Cordel (se levarmos em consideração a informação anterior de fundação) – segundo semestre de 2009

– os poetas se encontravam mensalmente para celebrar as atividades realizadas individualmente e em grupo. Já em 2010, esses encontros tornaram-se mais esparsos e a *Caravana* adquiriu uma maior mobilidade. Os encontros fixos no Espaço Cineclubista, à rua Augusta, cederam espaço aos encontros itinerantes em Universidades, Escolas e Espaços Culturais na grande São Paulo, bem como em estados vizinhos como Minas Gerais.

Os poetas da Caravana do Cordel vivenciaram uma experiência muito intensa de migração dentro do próprio país. Os fundadores do movimento são todos de origem nordestina. Porém, nesse ambiente da *Caravana do Cordel*, diferentes atores – nordestinos, descendentes de nordestinos e amantes da poesia popular – se encontram agregando um misto de diferenças tanto nordestinas quanto “estrangeiras” – nos botecos, nos novos costumes, no sotaque do outro. “(...) a gente não perde essa raiz, por estar sempre ligada nela; quando a gente fala uma coisa do Nordeste assim, a gente muda a fisionomia... pra gente é a raiz nordestina...” (SENNA, Costa. Entrevista realizada em 26 de outubro de 2009).

Esse espaço, à medida que enaltece o cordel, “institucionaliza” os laços de amizade e a reunião de amigos. Talvez possamos pensar que os poetas engendram ou tentam empreender um *reencantamento* a partir da palavra escrita e da declamação de seus versos como processo de resistência ao esvaziamento de sentido e pertença que a cidade grande, a metrópole provoca; o que também poderia ser visto, num primeiro contato com essa cidade grande, como a busca de algo perdido que não poderia mais ser encontrado. Vejamos os versos de Moreira de Acopiara ao descrever a cidade de São Paulo.

*São Paulo bela e formosa  
Imenso jardim de sonhos  
Umaz vezes perigosa  
Com atrativos medonhos  
Mas eterna sedutora  
Gigantesca protetora  
Que sabe estender a mão  
para receber migrantes  
Das regiões mais distantes  
E lhes dá trabalho e pão  
(Moreira de Acopiara)*



Nos eventos da *Caravana do Cordel* são declamados poemas autorais, interpretações teatrais a partir do cordel e de canções regionais. O público presente também age, incentivado e interagindo com o grupo poético. Tal interação acontece por meio de aplausos, risos, gargalhadas, expressões diversas que acompanham a interpretação dos poetas. Todos os encontros, momentos de confraternização da Caravana do Cordel obedecem a uma estrutura específica.

Começa-se com uma acolhida ao público presente, atentando sempre para a valorização e divulgação da Literatura de Cordel. Um dos lemas do grupo é O MUNDO DO CORDEL PRA TODO MUNDO. Essa chamada é proferida por quase todos os poetas que parecem vestir completamente a camisa da defesa do Cordel como uma cultura genuinamente brasileira e que deve se expandir cada vez mais por todo o Brasil.

Após esse momento de acolhida, os vários poetas/cordelistas, repentistas, músicos etc desfilam sobre o palco, envolvendo a platéia e fazendo-a participar dos eventos de maneira direta e efetiva – risos, vaias jocosas, gargalhadas, gritos, emissão de palavras curtas etc. É perceptível nesses encontros a presença massiva de nordestinos e seus descendentes. Marco Haurélio acredita que a presença de nordestinos é em menor número, porém não é isso que tenho observado. Poucos são de origem paulista, e muitos dos que dizem ter nascido em São Paulo são netos ou bisnetos de nordestinos.

Assim, a *Caravana* consiste em uma série de atividades (que serão destrinchadas na dissertação), voltadas para o fortalecimento e valorização do cordel e da cultura nordestina. Em cada encontro é feita ainda exposição e venda de cordéis, livros e CDs.



Eu já vinha pensando em realizar entrevista com Marco Haurelio por ter percebido a grande influência que ele exercia sobre o grupo e aquele era o momento certo, devido ao seu afastamento já anunciado, pois eu tinha medo de o acesso a esse poeta ficasse mais difícil com a sua saída. Nas outras entrevistas que eu realizei – para minha pesquisa de Iniciação Científica, com Varneci Nascimento, Costa Senna, Moreira de Acopiara e Klévisson Viana –, Marco Haurélio era citado constantemente como uma referência na pesquisa sobre cordel, como um poeta espetacular, como importantíssimo para a criação da *Caravana*, além da admiração que causava por ter começado a escrever seus primeiros versos aos seis anos de idade.

Assim sendo, resolvi que iria contatá-lo e desenvolver a entrevista com ele. Porém, nos últimos encontros da *Caravana* ele estava ausente, mas sempre

era dada uma justificativa para a sua falta. Sempre anunciavam ao público que ele estava em outro evento, relacionado à literatura de cordel. Diante da conversa que eu tive com Marco Haurélio, esses outros encontros estavam relacionados ao seu trabalho na *Editora Nova Alexandria* e não necessariamente às atividades da *Caravana do Cordel*. E isso aconteceu em vários encontros.

Apesar dessa ausência de Marco Haurélio na *Caravana*, eu mantinha contato com ele via e-mail. Trocávamos sempre artigos e notícias acerca da cultura popular e de eventos ligados a essa temática e, principalmente ao cordel. Esse contato direto com ele começou quando eu estava realizando na Unifesp – Universidade Federal de São Paulo – o *I Seminário de Literatura de Cordel*. Esse evento estava ligado ao *Projeto de Extensão ‘A Literatura de Cordel’ nas Escolas do Bairro dos Pimentas*, projeto que eu participei desde a sua construção até a realização final, haja vista que estava relacionado à minha pesquisa de Iniciação Científica que realizei entre 2009 e 2010. Para a realização desse *I Seminário* fiquei responsável para contatar os possíveis participantes da mesa de discussão, e Marco Haurélio estava cotado para participar dessa mesa, por isso já tinha o contato dele.

Vale mencionar ainda que quando concluí a minha monografia – após uma conversa informal, esse poeta demonstrou interesse verbal em ler o meu trabalho – enviei pra ele antes de enviar o resultado do trabalho para os poetas, autores das obras que analisei. E isso foi importante para perceber se não estava emitindo juízo de valor em algum momento do trabalho.

A *Caravana do Cordel* consiste, portanto, em um grupo de “nordestinos” que desenvolve uma série de atividades voltadas para o fortalecimento e valorização do cordel e da cultura nordestina. A rapadura foi citada, muitas vezes, como um doce genuinamente nordestino e apareceu nesses discursos como um elemento de retorno e veneração ao Nordeste. Assim como diz Gilberto Freyre, esses poetas acreditam em uma significação social e cultural desses elementos como caracterizadores da cultura<sup>2</sup> nordestina.

---

<sup>2</sup> Quando pensamos em cultura faz-se necessário levar em consideração hábitos, costumes, idéias, linguagens, produções diversas, com as quais o homem se relaciona e interage com os outros. Assim

Homens, todos esses, com o sentido de regionalidade [...]; e esse sentido por assim dizer eterno em sua forma – o modo regional e não apenas provincial de ser alguém de sua terra – manifestado numa realidade ou expresso numa substância talvez mais lírica que geográfica e certamente mais social do que política. Realidade que a expressão "Nordeste" define [...]. Procuramos defender esses valores e essas tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal o furor neófilo de dirigentes que, entre nós, passam por adiantados e "progressistas" pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira (FREYRE, 1996: 01; 02).

Nos espaços de encontro ou eventos da *Caravana do Cordel*, existe uma espécie de veneração do Nordeste, da comida típica, da música, da toada, do repente etc; veneração essa que remete ao campo do sagrado e ao seu limite com o profano. E com isso, percebemos o quanto ainda está presente a idéia de uma cultura que está se “perdendo” e por isso precisa ser conservada ou “resgatada”. Comumente, alguns poetas e leitores (mais especificamente os frequentadores dos eventos da *Caravana*) questionam a entrada de elementos novos na produção contemporânea do cordel, como é o caso da coleção *Clássicos em Cordel*. No meu campo empírico, em conversas explanatórias, ouvi muitos leitores e autores de cordel reclamar da descaracterização do cordel, da modernização de um *elemento cultural tradicional* do Nordeste que estaria perdendo sua *essência*. Todavia, essa questão se apresenta de maneira cada vez mais contraditória, pois enquanto esses autores e leitores do cordel questionam essa “modernização” do cordel, de outro lado, apoiam a entrada do cordel nos diferentes espaços sociais mesmo que isso implique em uma mudança em sua forma física, como é o caso do *cordel-livro*. *Se isso é preciso para que o cordel seja valorizado, que seja feito.*

## Considerações finais

### **“Nossa essência é ser militante”**

[...] Ainda quando estávamos tomando água, Pedro Monteiro falou que a Caravana está enfrentando um momento muito difícil (internamente). Alguns defendem que o grupo seja transformado em

---

podemos inferir que toda atitude humana está relacionada à cultura. Esse conceito de cultura abarca todos os aspectos da produção humana. Assim, segundo Canclini, “a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido” (CANCLINI, 2001: 29).

uma Associação/Instituição e que ele defende a sua continuação como *movimento*, pois ele acredita que apenas como movimento é possível manter a militância, característica fundamental para o grupo.

[...] Moreira disse que o cordel está acima de tudo; e mais uma vez ele falou com muita irritação, dizendo ainda que os encontros da Caravana deveriam ser momentos de confraternização e diversão, como era em seu início, lá na Rua Augusta, o Espaço Cineclubista. Nisso, Costa Senna disse ter partido dele a idéia da *Caravana* como o grupo dos 07 poetas (vale lembrar que a Caravana sendo definida apenas como o grupo dos 07 poetas, deixaria de fora Moreira de Acopiara). Antes ele via a *Caravana do Cordel* como uma possibilidade de *ganha-pão*, mas os outros não concordaram e hoje ele pensa diferente.

Nando Poeta disse que quando lhe perguntam quem é a *Caravana* ele diz que não consegue contar, pois já são muitos. A partir dessa discussão, Nando propôs que um dos pontos a ser discutido no Fórum fosse “os rumos do movimento”, pois “a gente quer massificar e ficar nesse impasse só atrapalha a realização de nosso objetivo” (Trechos do Diário de Campo).

A *Caravana do Cordel* atualmente enfrenta um dilema em relação à sua “identidade” ou constituição: continuar como um *movimento* ou transformar-se em *instituição, associação*? Há os que gostariam de transformá-la em uma *Associação*, com CNPJ, e há aqueles que abominam essa idéia porque acreditam que isso implicaria em morte para o grupo ou para a idéia inicial do grupo, enquanto *movimento*. Sobre essa questão, Marco Haurélio disse:

[...] em relação a Associação com CNPJ a gente na verdade... eu pessoalmente nunca pensei assim. Outros também não! Mas para aqueles que tem uma visão mais organizacional – vamos dizer assim – que pensam assim. Eu acho que se isso realmente tiver que acontecer é muito justo que aconteça, mas tem que ter muita maturidade pra chegar a esse caminho. [...] você percebe que é uma coisa que está subjacente. [...] Sempre se sondou essa possibilidade, mas eu acho que nunca se... é uma idéia que nunca se maturou (HAURÉLIO. Entrevista concedida em 08 de julho de 2011).

Percebe-se pela fala de Marco Haurélio toda a tensão que reside em torno dessa escolha e dessa discussão. Na reunião do dia 09 de junho de 2011, na Ação Educativa, em São Paulo, percebia-se claramente o quanto essa questão causava tensão no grupo. Claramente, o grupo estava dividido entre as duas posições. Chego a afirmar inclusive que aqueles que defendem a criação de uma associação o fazem, devido a uma motivação financeira, haja vista que essa forma de associativismo implica em um fechamento do grupo, em uma definição fechada acerca de quem está fora e quem está dentro e sendo assim,

possibilita que esses poetas tenham mais chances de ter um retorno financeiro mais significativo porque não teriam que dividir o “cachê” dos eventos com muitos integrantes.

Pode-se inclusive inferir que a saída de Costa Senna do grupo deve-se à busca do poeta de uma valorização profissional e financeira maior, haja vista ele ter fundado outro grupo de âmbito mais fechado e focado realmente em um retorno financeiro maior. Trata-se da *Bodega do Brasil*, grupo criado por Costa Senna e um outro amigo, no segundo semestre de 2011. Essa inferência é feita com base também em outras conversas com o poeta e em suas falas durante os eventos. Na reunião do dia 09 de junho de 2011, ele chegou a dizer que sua opinião sempre foi a favor de fechar a *Caravana* no grupo dos 07 poetas, porém sua opinião já era vencida. Tenho percebido que um dos poetas que defende veementemente a abertura da *Caravana* está numa situação financeira estável. Já vive da profissão como poeta há muito tempo e isso só evidencia essa questão pragmática e financeira que permeia a idéia de criação de uma associação.

Há outros que defendem a idéia de movimento, devido principalmente à sua formação militante, como é o caso de Pedro Monteiro e Nando Poeta. Todas essas questões só ampliam o quadro da diversidade e da fluidez que caracteriza a *Caravana do Cordel*.

Eu acho que o caráter militante de movimento, de... eu acho que se perderia. Nesse sentido sim. Na época, eu até tinha uma sugestão de criação de uma entidade, a associação... mas não a *Caravana do Cordel*. A *Caravana* sempre foi um movimento independente. [...] Eu não vejo a *Caravana* como um grupo institucionalizado. Eu acho que a partir daí você acaba se prendendo a determinadas regras; e essa idéia do conceito que eu tenho de movimento – é uma coisa mais fluída – ela acaba se diluindo (HAURÉLIO. Entrevista concedida em 08 de julho de 2011).

Diante disso, é perceptível o impasse entre a dinâmica , flexibilidade e autonomia que o *movimento* permite, e o medo da permanência, do “engessamento” a que o processo de institucionalização pode conduzir. Com a dinâmica do *movimento*, a definição de quem está dentro e quem está fora fica mais difícil de ser delimitada. Isso porque existe uma maior flexibilidade na formação do grupo. O fato da pertença ao grupo se dar por uma adesão a uma causa política/militante implica em uma fluidez permanente. Podemos pensar

com Derrida acerca da fluidez, haja vista que como no conceito de *différance* desenvolvido por esse autor, nos *movimentos sociais* o significado é sempre diferido ou adiado. Ele não é completamente fixo ou completo porque sempre existe algum deslizamento, uma ressignificação um refazer constante (HALL e DERRIDA *apud* WOODWARD, 2011: 19).

Sobre essa discussão podemos pensar como a partir dos *movimentos sociais* que implicam em um permanente movimento de forças sociais, em ser capaz de identificar as tensões entre os grupos de interesses. “Em cada momento histórico, são os movimentos sociais que revelam, como um sismógrafo, as áreas de carência estrutural, os focos de insatisfação, os desejos coletivos, permitindo a realização de uma verdadeira topografia das relações sociais” (SOARES DO BEM, 2006: 1138).

Embora Marco Haurélio prefira a idéia de *movimento* à de *associação*, o que está em jogo para ele é a defesa da *Caravana* como um conceito, o que não implica necessariamente em uma impossibilidade de conjugação com a idéia de *movimento*, haja vista que as duas categorias possibilitam pensar a ação a partir de um refazer constante e de uma abertura para a agência sem necessariamente pertencer a um grupo específico. A própria trajetória do poeta indica uma dinamicidade e militância. Ele vivia cada momento da vida com uma intensidade que também era um refazer-se constante.

Logo no início da entrevista, antes de começar a gravação, Marco Haurélio levantou a questão da diversidade de pensamentos e projetos, presente na *Caravana*, embora tenha dito que a “pior ditadura é a de pensamento único”. Essa diversidade parece incomodá-lo e talvez seja isso que tenha ocasionado o seu pedido de afastamento temporário do grupo, como também pode ser a sua busca por uma nova forma de vivenciar a cultura popular. Talvez faça parte da sua busca para alçar novos vãos que a *Caravana* não mais permite.

Vim para São Paulo durante um tempo; voltei! Cursei Letras, na UNEB; isso em 2001, por aí, em Caitité, na Bahia. Terminando, eu acabei vindo pra cá, justamente, a pedido de Gregório da Editora Luzeiro [...]. Eu concluí e, 92, o 2º [...]. Na verdade, eu não queria. Foi o pessoal que... a Lucélia e minha mãe que pegaram uma ficha e preencheram. Na verdade eu não tinha mais vontade de voltar a estudar, mas foi uma experiência boa. [...] Eu nunca gostei muito da

escola não. Da escola formal [...] (HAURÉLIO. Entrevista concedida em 08 de julho de 2011).

São muitos os casos onde a entrevista apresenta dados que informam que a formação do poeta não se dava nos ambientes institucionalizados, mas numa prática familiar, informal e autodidata, principalmente por meio da vivência intensa de elementos da cultura popular.

Assim como a trajetória desse poeta que é marcada, dentre outros aspectos, pela migração, outras demonstram essa busca dos poetas de dentro da *Caravana* por movimento, dinamicidade, interatividade. Marco Haurélio definiu bem essa busca ao citar a percepção do grupo acerca dos eventos mensais.

[...] depois a gente percebeu que as coisas estavam ficando repetitivas. Todo mês, todo mês aquela mesma coisa. Até porque o público, ele vai tendo alguma rotatividade, mas as pessoas não agüentam a mesma coisa o tempo todo. E alguém propôs fazer realmente um movimento itinerante que era a proposta inicial e começaram a surgir propostas pra se apresentar aqui e ali; e veio essa noção de grupo, com a qual eu também não concordo muito. Pra mim, *Caravana do Cordel* é mais um conceito. Por exemplo, onde tem três ou quatro poetas, e isso independe de um grupo, que amarre – até surgiu a idéia de fazer um estatuto e tudo... mas enfim, são visões particulares que eu respeito e que a democracia fez com que prevalecesse essa idéia do grupo também. Então, *Caravana do Cordel* é um grupo, é um movimento e é um conceito. Dentro desse sentido conciliatório de visões que nem sempre são afinadas (HAURÉLIO. Entrevista concedida em 08 de julho de 2011).

Assim, a *Caravana do Cordel* é definida pelo próprio grupo, inclusive Marco Haurélio, como algo fluido e que pressupõe uma dinamicidade constante. O próprio termo *Caravana* implica em movimento, em liquidez, em deslocamentos constantes. O caráter polissêmico de um *movimento social* possibilita uma maior vantagem nas lutas cotidianas, haja vista que consegue interagir com outros grupos, com interesses diferentes, sem grandes problemas. Isso também implica em uma maior adesão, já que pessoas com ideias diferentes podem significar a luta de diferentes maneiras.

No decorrer da minha pesquisa venho percebendo a importância do conflito para o fortalecimento da *Caravana do Cordel*. Isso porque o conflito é inerente a todo processo social, é de natureza da vida social, não é algo exógeno. Pensando dessa forma faz sentido pensarmos que o conflito em torno, por exemplo, da configuração do grupo (se deve se caracterizar como *Instituição* ou como *Movimento*) provoca toda uma ressignificação do *ser nordestino*



nesse grupo e de forma mais ampla, em São Paulo. Não dá pra pensar esse grupo de modo teleológico, haja vista que sua própria trajetória indica uma não linearidade nos fatos.

Na *Caravana* existe uma sociabilidade marcada pelo conflito, pela interação social. A reivindicação de autoria do grupo como forma de conflito; *alimento do ego*, como dizem alguns poetas. Isso tem posto a *Caravana* em um permanente estado de tensão. E isso não tem atingido apenas o núcleo organizador do movimento, mas também os que participam dos eventos.

Em uma conversa informal com um poeta ele dizia que outro poeta tinha escrito para uma amiga sua que participa dos eventos, mas que não participa desse núcleo, e disse: “Por onde você anda? Também está descontente com os rumos do movimento?”. O poeta que confidenciava comigo disse que aquilo o incomodou e que tem lutado para que essas picuinhas acabem (Diário de Campo).

No decorrer da minha pesquisa de campo várias questões foram surgindo, o que eu esperava acontecer. Todavia, a questão da própria formação ou caracterização do grupo me parecia resolvida e clara logo no momento que escrevi o projeto, haja vista que esse campo de pesquisa já havia se tornado “familiar”, devido à minha constante presença durante a graduação – quando realizei a minha Iniciação Científica nesse campo empírico.

Após várias passagens pelo campo tenho percebido a necessidade de pensar a *Caravana* a partir de uma problematização surgida em reuniões do grupo: *quem participa da Caravana? A Caravana é um Movimento ou Instituição?*. Essa discussão tem pautado grande parte das ações do grupo; em um encontro tornou-se inclusive motivo de tensão no grupo. E é uma discussão que ficará para outro momento acadêmico.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. “A indústria cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas”. In *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Jorge Zahar, 1986.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Editora Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. Coleção Preconceitos, Volume 3. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Editora Bagaço, 2008

\_\_\_\_\_. *A invenção do nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago – 4ª edição revista – São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BARBOSA, Francisca Batista. *Lampião no imaginário fronteiriço da “Literatura de Cordel” contemporânea*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), 189 páginas – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2010.

\_\_\_\_\_. *As fronteiras do cordel contemporâneo: Singularidade do Nordeste brasileiro e/ou herança Ibérica*. Rio de Janeiro/RJ: Revista Tempo Brasileiro, edição trimestral, jan.-mar. – nº 184, 2011.

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*, de Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, pp. 185-227.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In *Magia e técnica, arte e política*. Coleção Obras Escolhidas I. São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 1985.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro/RJ: Editora da UFRJ, 2001.

CARNEIRO DA CUNHA. “Etnicidade”. In *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Editora brasiliense s.a. 2ª edição, 1987, pp. 85-119.

- COSTA, Sergio. Teoria social, cosmopolitismo e a constelação pós-nacional. *Novos Estudos*, n. 59, março de 2001, p. 5-22
- \_\_\_\_\_. Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a (Humanitas).
- \_\_\_\_\_. Desprovincializando a sociologia. A contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 21, n. 60, 2006b, pp. 117-134.
- FOUCAULT, Michel (2008). *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREIRE, Gilberto (1996). *Manifesto regionalista*. In 4Shared website. Disponível em: [http://www.4shared.com/file/56156656/cc8497e0/manifesto\\_regionalista\\_-\\_gilberto\\_freyre.html](http://www.4shared.com/file/56156656/cc8497e0/manifesto_regionalista_-_gilberto_freyre.html). Acesso em: 26 de outubro de 2010.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2000). [Ler/Ouvir Folhetos de cordel em Pernambuco \(1930-1950\)](#). Tese para a obtenção do título de Doutora em Educação. Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte.
- GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Traducción de Javier Setó. Madrid/Buenos Aires: Alianza Editorial, 1991. (capítulos 1 a 5)
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho”. In *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea* / Jessé Souza (org). Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 2001, pp. 387-414.
- HALL, Stuart. “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior”. In: *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, pp. 25-50.
- \_\_\_\_\_. “The West and the rest. Discourse and Power”. In: *Modernity. Introduction to the modern societies*. Editado por Stuart Hall, David Held, Don Hubert, Hennes Thompson. London: Blackwell Publishers, 2004, pp. 184-228.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *Nação e nacionalismo desde 1870*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Maria Quirino. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa; apresentação de Marcos Nobre. São Paulo/SP: Editora 34, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meio às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro/RJ: Editora da UFRJ, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward. 10ª edição – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. Cultura, memória e história como substratos na construção identitária. In: FECHINE, Ingrid e SEVERO, Ione (orgs.). *Cultura Popular: nas teias da memória*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007, pp. 09-25

**Sites consultados:**

Letra da Música *Parabolicamará*, de Gilberto Gil. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46234/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2012.

Análise de música: *Parabolicamará*. Disponível em: <http://mpbsapiens.com/parabolicamara/> . Acesso em: 25 de fevereiro de 2012.